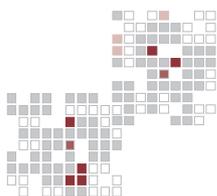


DEU ZIKA NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MUDIÁTICA SOBRE O AEDES AEGYPTI NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO

AN ANALYSIS OF THE MEDIA COVERAGE ON THE AEDES AEGYPTI MOSQUITO IN THE BRAZILIAN NEWSPAPER O ESTADO DE SÃO PAULO

HAY ZIKA EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN: UN ANÁLISIS DE LA COBERTURA MEDIÁTICA SOBRE EL MOSQUITO AEDES AEGYPTI EN EL DIARIO O ESTADO DE SÃO PAULO

270



Ítalo Rômany de Carvalho Andrade

- Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
- E-mail: Italoromany@outlook.com

Irenilda de Souza Lima

- Doutora pela ECA USP e professora do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- E-mail: irenilima2@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo verificar a cobertura midiática do jornal O Estado de São Paulo em relação ao zika vírus. O levantamento se deu em dois períodos: no ano de 2015 e o segundo, seis meses depois, já em 2016. Em um primeiro momento, houve uma preocupação da mídia com as grávidas, por causa do elevado número de bebês que estavam nascendo com microcefalia. No período seguinte, as reportagens passaram a ser publicadas predominantemente no caderno de Esportes, por causa das Olimpíadas, e um possível fracasso do evento. Conclui-se que a cobertura midiática muitas vezes deixa em segunda ordem as relevâncias sociais mais amplas.

PALAVRAS-CHAVES: ZIKA; COBERTURA MIDIÁTICA; SAÚDE; OLIMPÍADAS.

ABSTRACT

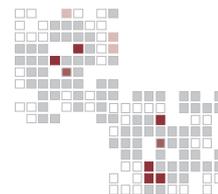
This article aims to analyse the media coverage of the *O Estado de São Paulo* newspaper in relation to the zika virus in Brazil. The survey took place in two periods: in 2015, and six months later, in 2016. At first, there was a concern of the media with pregnant women, because of the high number of babies born with microcephaly. In the following period, the news were being published mostly in the sports journal, and focused on the Olympics and a possible failure of the event in the country. In conclusion, the media coverage often leaves extensive social issues in the background.

KEY WORDS: ZIKA; MEDIA COVERAGE; HEALTH; OLYMPICS.

RESUMEN

Este artículo pretende verificar la cobertura del diario O Estado de São Paulo relativa al virus Zika en Brasil. La encuesta se dio en dos periodos: en el año de 2015 y el segundo, seis meses más tarde, ya en 2016. En un primer momento hubo una preocupación de los medios de comunicación con las mujeres embarazadas, debido al elevado número de bebês que nacieron con microcefalia. En el siguiente periodo, las noticias se estaban publicando predominantemente en la sección de deportes, girando alrededor de los Juegos Olímpicos y un posible fracaso del evento. Se concluye que la cobertura mediática a menudo deja en segundo orden la relevancia social más amplia.

PALABRAS CLAVE: ZIKA; COBERTURA MEDIÁTICA; SALUD; OLÍMPICOS.



1. Introdução

O Brasil viveu nos últimos anos uma certa apreensão em relação à escalada no número de bebês que vinham nascendo com alguma má-formação no cérebro. No mesmo período, surgiram novas doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti*. Haveria alguma relação entre ambos os casos? Era o que todos queriam saber, incluindo os meios de comunicação.

De novembro de 2015 a outubro de 2016, foram confirmados 2.063 casos de microcefalia – condição neurológica em que o cérebro da criança é menor ante as das outras da mesma idade- e outras alterações do sistema nervoso, sugestivos de infecção congênita, em todo o país, de acordo com o Ministério da Saúde.¹ Porém, o próprio governo não confirma se todas as ocorrências foram frutos do zika vírus.

Todas essas informações fizeram com que as pessoas, principalmente as mulheres grávidas e aquelas com interesse em engravidar, observassem com mais atenção as notícias da imprensa sobre o tema, buscando informações sobre o *Aedes Aegypti* e a microcefalia. Durante os dias mais críticos, em meados de 2015, reportagens eram feitas, tentando esclarecer as principais dúvidas da população. Por isso, dentro do contexto, o jornalismo ganhou ainda mais relevância, principalmente em relação à divulgação científica, já que

() nesta ocasião os meios de comunicação assumem o importante papel de difusor de conhecimento e podem prestar um grande serviço para a sociedade ficando evidenciado a importância dos saberes transmitidos pela mídia e que são de interesse público. (Prazeres; Souza Lima; Maciel, 2016, p. 6).

¹ Informe epidemiológico nº 48 - monitoramento dos casos de microcefalia no Brasil. Disponível em: <http://combataedes.saude.gov.br/images/pdf/informe_microcefalia_epidemiologico48.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

Dentro dos estudos de comunicação de massa, há a teoria (ou hipótese, como alguns autores chamam) chamada Agenda-Setting, ou teoria do agendamento. Surgida nos anos 1970, nos Estados Unidos, por McCombs e Shaw (1972), foi uma das formas de verificar a cobertura jornalística no decorrer do tempo, dando ou não uma continuidade ao processo, analisando as abordagens que se dão sobre o tema exposto. A mídia pode, dentro dessa conjuntura, influenciar, manipular ou construir narrativas que mudem ou atestem tal contexto abordado, na capacidade de produção de sentidos e significados. (Penteado; Fortunato, 2015).

Bastante disseminado nos anos 1970-80, a teoria do Agenda-Setting se oferecia como uma opção bastante superior em relação às teorias funcionalistas que o precederam. Entretanto, seus maiores desenvolvimentos foram delineados num período histórico de predominância do modelo jornalístico impresso-radiofônico-televisivo como incontestado na Comunicação Social. O advento de novas lógicas comunicacionais, por conta da disseminação da Internet e das Mídias Sociais Digitais, amplia o alcance e capacidade daqueles pressupostos teóricos para explicar a complexidade dos objetos de estudo da Comunicação, na atualidade. Os estudos mais recentes apontam para outros variáveis, dentre eles a de quem determina a agenda dos meios. Ainda assim, ressaltamos a importância da problemática para entender, a partir desse aspecto, tal fenômeno em um jornal de grande circulação no país.

Estamos vivendo uma época de intensas modificações, e muitas das teorias atuais sobre a sociedade descrevem aspectos delas, sendo, portanto, pertinentes em vários contextos específicos. Nenhuma, porém, conta toda a história, e todas as teorias contemporâneas têm suas limitações e pontos cegos, além de dar suas contribuições. (Kellner, 2001, p. 40).

O objetivo deste artigo, portanto, é o de averiguar como e com que destaque o zika, transmitido pelo *Aedes Aegypti*, ocupou espaço na mídia. Nesse aspecto, focamos mais precisamente no jornal de circulação nacional O Estado de São Paulo (Estadão). Tendo como problemática o agendamento da mídia, a ideia era a de analisar a cobertura científica acerca do objeto de estudo, verificando as diferentes abordagens da mídia sobre o mosquito e como se deu a continuidade na cobertura jornalística sobre a microcefalia no decorrer do tempo.

Entretanto, o intuito deste artigo não é o de averiguar se ou como os meios de comunicação influenciam a opinião pública, mas sim como eles cobrem certos temas que interessam à sociedade. Por isso, foi realizada somente a análise referente ao agendamento da mídia, não focalizando, dessa forma, no agendamento da própria população ante tal temática.

Este artigo foi produzido no âmbito do grupo de pesquisas sobre Comunicação e Informação Científica para o Desenvolvimento Local, do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

2. Agendamento da mídia: orientação e relevância

A hipótese do Agenda-Setting surge nos anos 70, através dos estudos de McCombs e Shaw, que queriam estudar alguns dos efeitos do poder de comunicação de massa. Segundo Barros Filho (2001, p. 169), o agendamento é um “[...] tipo de efeito social na mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá.”

Para verificar como a hipótese do Agenda-Setting funcionava na prática, McCombs realizou um acompanhamento inicial da campanha eleitoral de 1968 para presidente dos Estados Uni-

dos. Foi elaborado, além de uma catalogação de cinco jornais, um questionário para ser trabalhado com alguns eleitores, analisando, assim, se a mídia tem alguma influência na decisão política dessas pessoas, às vésperas da eleição.

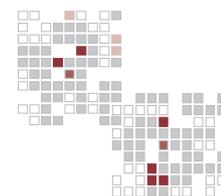
O agendamento é bastante mais do que a clássica asserção de que as notícias nos dizem sobre o que é que devemos pensar. As notícias dizem-nos também como devemos pensar sobre o que pensamos. Tanto a selecção de objectos para atrair a atenção como a selecção de enquadramentos para pensar sobre esses objectos são tarefas poderosas do agendamento (McCombs; Shaw, 2000b, p. 131).

Assim, o processo do agendamento da mídia tem como função verificar como a sociedade se comporta diante de certos fatos, conforme as notícias que são publicadas sobre determinado tema. A influência da mídia na formação da opinião pública é evidente, como ressalta Luhmann (2005, p. 66-67) quando afirma que

Como sempre, os meios de comunicação dão uma coloração especial àquilo que noticiam e à forma como noticiam; assim, decidem sobre o que deve ser esquecido, o que pode ser significativo apenas no momento e o que deve permanecer na lembrança.

Um exemplo desta afirmação na atualidade está na notícia de um ato de violência ocorrido em 2016, no Rio de Janeiro, no caso de violência amplamente divulgada: o estupro coletivo de uma garota de 16 anos, violentada por mais de trinta homens em maio de 2016, no Rio de Janeiro.² Por muitos dias isso foi discutido nos meios

2 Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>>. Acesso em: 23 jun. 2017.



de comunicação de massa, sendo refletido nas discussões das pessoas, seja nas salas de aula ou nas redes sociais, como o Facebook. Assim, segundo McCombs (2009, p. 108):

No âmbito dos assuntos públicos, quanto maior é a necessidade de orientação de um indivíduo, mais propenso ele estará para prestar atenção na agenda da mídia com toda sua riqueza de informação sobre política e governança.

De Hohlfeldt (1997) vem a afirmação de que a hipótese de agendamento tem vários pressupostos, destacando três: o primeiro, é o fluxo contínuo de informações, fazendo com que um determinado tema seja trabalhado durante um determinado tempo na mídia, sem que o receptor se perca dentro do excesso de informações que consome no dia; em segundo, o autor afirma que os meios de comunicação influenciam o receptor a médio e longo prazo, e não durante um curto espaço de tempo. Por último, os veículos de mídia são capazes de influenciar as pessoas sobre o que pensar e falar, incluindo nas suas preocupações tais abordagens discutidas nos meios de comunicação.

Portanto, dependendo da mídia, sofreremos sua influência, não a curto, mas a médio e longo prazos, não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda. (Hohlfeldt, 1997, p. 45).

No caso do zika, a mídia pode exercer o papel social importante na divulgação científica deste problema de saúde pública. No contexto da cidadania, a mídia pode prestar um serviço importante de informação e esclarecimento relatando os casos e os contextos sobre o mosquito *Aedes Aegypti*, principalmente no que tange ao cres-

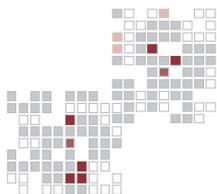
cimento dos casos de microcefalia no país. O agendamento da mídia, neste caso, pode, em um primeiro momento, contribuir com as principais dúvidas da sociedade; entretanto, caso não haja uma continuação na cobertura, é possível que a população deixe de tomar certos cuidados. Nesse caso e por outros interesses a agenda pode ser modificada, dessa forma, para outras preocupações, a exemplo da violência ou de outros temas.

Para Dornelles e Martins (2016, p.137-138),

é uma questão de relevância do tema que vai determinar a sua afetação na sociedade; não é simplesmente a maior disponibilidade do assunto nas mídias que vai incidir sobre a agenda de assuntos dos indivíduos. De alguma forma, o ganho de visibilidade do tema está envolvido e determinado pelo grau de importância que adquire socialmente.

A busca por informações sobre o *Aedes Aegypti*, por conseguinte, se dá por causa da relevância da temática na sociedade, ante os fatos provocados pelo mosquito. A mídia tenta através de seus canais noticiar o maior número possível de artigos, visto que a procura por textos sobre a problemática tende a crescer, o que pode servir como orientação, por exemplo, nos aspectos relacionados às incertezas sobre o zika. Castro (2014, p. 203) usa como comparação um processo eleitoral, onde “os cidadãos recorrem aos veículos de comunicação em busca de orientação, seja para conhecer qual sua linha editorial, seja para acumular notícias e dados acerca da situação referente.”

Das reflexões feitas, os meios colaboram no processo de construção da realidade promovida pela sociedade. Porém, Luhmann (2005, p. 167) acredita que não podemos ser ingênuos nos estudos midiáticos, apontando uma crítica inerente, já que “os meios de comunicação permanecem, enquanto observadores, invisíveis para si mesmos.”



3. Zika vírus

O Brasil ainda é um país com diversas desigualdades sociais. A saúde pública não é diferente. Pela ineficácia em algumas políticas públicas, doenças proliferam-se ante o descaso com o saneamento básico, por exemplo. O acesso aos esclarecimentos é feito de forma desigual: metade da população ainda não tem acesso ao sistema de esgotamento sanitário.³ As doenças transmitidas pelo *Aedes Aegypti* são frutos desse problema no país.

Por suas características físicas, como as marcas em forma de pintas brancas que se destacam nas pernas de cor preta, o mosquito é muito conhecido no Brasil por causa do vírus da dengue que transmite através de sua picada. As dores de cabeça, no corpo e nos ossos, a febre alta, as náuseas e os vômitos são os principais motivos que deixam qualquer um preocupado com a proliferação do inseto. Campanhas do governo e reportagens na mídia alertam a população dos cuidados de não deixar água parada em vasos, pneus etc. - locais onde as larvas do *Aedes Aegypti* podem ser incubadas facilmente.

Em 2015, porém, o país passou a conhecer outros vírus também transmitidos pelo mesmo mosquito, que provocavam sintomas ainda mais fortes: chikungunya e zika. No segundo semestre do mesmo ano, o elevado número de casos de bebês recém-nascidos com microcefalia chamou a atenção da sociedade e da imprensa. Haveria alguma relação com o *Aedes Aegypti*?

O zika provavelmente chegou no Brasil durante a realização da Copa das Confederações, em junho de 2013, segundo estudos realizados pela revista científica *Science*.⁴ O vírus, que veio da África,

é conhecido desde 1947 e recebeu esse nome em referência à floresta onde foi encontrado.

Segundo especialistas, o zika vírus encontrou no Brasil uma fartura de mosquitos — incluindo o *Aedes Aegypti*, que serviu como vetor para espalhar a doença na América. No mundo, de acordo com boletins epidemiológicos da Organização Pan-Americana da Saúde, 48 países e territórios da América confirmaram a transmissão do zika até o início de 2017.⁵

As primeiras suspeitas da relação do vírus com o nascimento de bebês com microcefalia surgiram no segundo semestre de 2015. Em fevereiro de 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considerou o número de crianças com alguma má-formação no cérebro como emergência de saúde pública de interesse internacional.⁶ No mesmo período, a então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em cadeia nacional nos meios de comunicação, conclamou a população na luta contra o *Aedes Aegypti*. A guerra contra o mosquito estava declarada. Além da questão da microcefalia, havia casos de relação do zika vírus com a incidência da síndrome de Guillain-Barré no país, doença que ataca os nervos e pode levar à paralisia dos músculos.

A relação do *Aedes Aegypti* com o aumento no número de casos de nascimento de bebês com microcefalia foi confirmada pela OMS em abril de 2016, após o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos ter confirmado a associação.⁷ O governo brasileiro vinha pressionando a OMS neste sentido, mas a organização evitava dar alguma declaração de confirmação sem haver provas concretas.

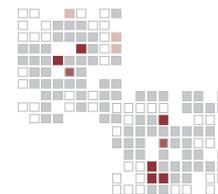
3 Saneamento melhora, mas metade dos brasileiros segue sem esgoto no país. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/saneamento-melhora-mas-metade-dos-brasileiros-segue-sem-esgoto-no-pais.ghtml>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

4 Zika vírus chegou ao Brasil na Copa das Confederações de 2013, aponta estudo. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,-zika-chegou-ao-brasil-na-copa-das-confederacoes--diz-estudo,1847690>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

5 Zika - Atualização Epidemiológica - 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra/images/stories/SalaZika/atualizacao%20033.pdf?ua=1>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

6 Zika: OMS declara emergência internacional por microcefalia. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160201_oms_zika_mw_rb>. Acesso em: 24 fev. 2018.

7 OMS confirma que zika causa microcefalia. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-confirma-que-zika-causa-microcefalia,10000025961>>. Acesso em: 28 fev. 2017.



Foi o Nordeste, entretanto, a região onde ocorreu a maioria do nascimento de bebês com microcefalia. Até outubro de 2016, 1.650 casos haviam sido investigados e confirmados pelo Ministério da Saúde.⁸

Em novembro de 2016, a OMS afirmou que o zika vírus não era mais uma emergência sanitária internacional.⁹ Já em maio de 2017 foi a vez do Ministério da Saúde dar a mesma declaração em relação ao Brasil, principalmente em relação aos casos de microcefalia.¹⁰ Entretanto, o próprio Ministério ressaltou que continuaria dando assistência aos municípios no combate ao mosquito.

4. Resultados da Pesquisa

A partir do que foi exposto, em relação aos objetivos, primeiramente foi feito o arquivamento das edições do jornal O Estado de São Paulo (Estadão), em dois períodos: de 1 a 10 de dezembro de 2015 (pico da doença no Brasil) e de 1 a 10 de junho de 2016, fazendo uma comparação seis meses depois.

O jornal Estadão, que tem 141 anos de história, foi escolhido porque tem uma grande circulação nacional. Segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), tem uma média de tiragem de quase 150 mil exemplares por dia.¹¹ Além da audiência alcançada, outro motivo escolhido foi a questão da facilidade do pesquisador em obter acesso ao acervo online do jornal para fazer as análises de conteúdo.

8 **Informe epidemiológico nº 48 - monitoramento dos casos de microcefalia no Brasil.** Disponível em: <http://combateades.saude.gov.br/images/pdf/informe_microcefalia_epidemiologico48.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

9 **OMS diz que zika não é mais emergência sanitária internacional.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/oms-diz-que-zika-nao-e-mais-emergencia-sanitaria-internacional.ghtml>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

10 **Estado de emergência por zika acabou, afirma Ministério da Saúde.** Disponível em: <<http://saude.ig.com.br/2017-05-11/zika-estado-de-emergencia.html>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

11 **Associação Nacional de Jornais (ANJ).** Disponível em: <<http://www.anj.org.br/majores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

Segundo esses pressupostos, em seguida foi feita uma catalogação das notícias que saíram sobre o zika vírus, dividindo posteriormente em cadernos, gênero jornalístico (coluna, notícia, reportagem, entre outros), destaque dado e, por último, resumo do texto. A análise de conteúdo utilizada seguiu os padrões sugeridos por Laville e Dionne (1999): preparação das informações (organizar os dados, enumerar o material, para não se perder nas etapas seguintes); categorização ou classificação das unidades em categorias (criação de unidades, agrupar os dados por semelhança ou analogia. Observação: precisa ser válido, consistente, objetivo); descrição (é o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas); interpretação (Quais os meus achados?). A partir do material obtido, discutiu-se os resultados da análise, dentro de um viés qualitativo, abordando o referencial teórico do agendamento da mídia dentro da questão do jornalismo científico e sua relação com a sociedade.

O primeiro período, de 1 a 10 de dezembro, foi escolhido porque foi durante esse tempo que os casos de microcefalia cresceram no país. Como é possível perceber, a agenda midiática da mídia também seguiu os mesmos rumos.

Segundo a análise, foram publicados 33 textos sobre o mosquito *Aedes Aegypti*, todas no caderno MetrÓpole - que geralmente aborda o cotidiano das cidades. Desse total, 20 tinham alguma relação com a questão da microcefalia. Foram 27 notícias, uma entrevista, quatro notas¹² e um texto opinativo, como demonstra o quadro a seguir:

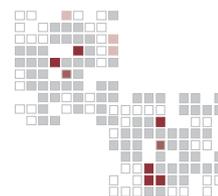
Foi durante o período que surgiram os textos sobre, por exemplo, a emissão do alerta mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o zika vírus, sugerindo inclusive o isolamento de pacientes. Mas, em geral, as notícias publicadas tratavam sobre a preocupação de grávidas com o mosquito. Tal abordagem, muitas vezes, era feita de forma alarmante.

12 Informação rápida, em um pequeno box.

Quadro 1. Catalogação das notícias sobre o zika vírus, no jornal O Estado de São Paulo, entre os dias 1 e 10 de dezembro de 2015

Data de Publicação	Título	Gênero	Caderno
01/12/2015	Casos de microcefalia já chegam a 1,2 mil	Notícia	Metrópole
01/12/2015	Mortes com causa indefinida serão revistas	Notícia	Metrópole
02/12/2015	OMS emite alerta mundial para zika e sugere até o isolamento de pacientes	Notícia	Metrópole
02/12/2015	Sergipe decreta emergência após casos de microcefalia	Notícia	Metrópole
02/12/2015	SP dá 48 horas para abrir portas a agente antidengue	Notícia	Metrópole
03/12/2015	SP quer testes de zika para todas as grávidas e ampliará combate ao Aedes	Notícia	Metrópole
03/12/2015	RN é o 3º Estado a decretar emergência	Nota	Metrópole
03/12/2015	Em 2 anos, vírus atinge 9 países das Américas	Notícia	Metrópole
03/12/2015	Zika já faz mulheres adiarem a gravidez	Notícia	Metrópole
03/12/2015	Empresária pagou teste em laboratório privado	Notícia	Metrópole
04/12/2015	Governo muda critério de microcefalia	Notícia	Metrópole
04/12/2015	SP vai oferecer sangue já testado contra vírus	Notícia	Metrópole
04/12/2015	Produção de repelente aumenta 200%	Notícia	Metrópole
04/12/2015	Humanização do zika facilitou infecções	Notícia	Metrópole
05/12/2015	Zika: associação não é a causa	Opinião	Metrópole
05/12/2015	SP tem 1ª suspeita de microcefalia por zika	Notícia	Metrópole
05/12/2015	Governo do Estado quer usar PM e Defesa Civil contra mosquito	Notícia	Metrópole
05/12/2015	CDC critica estrutura de laboratórios públicos contra vírus	Notícia	Metrópole
06/12/2015	Microcefalia muda rotina hospitalar no Recife	Notícia	Metrópole
06/12/2015	Explosão de registros de síndrome paralisante também preocupa	Notícia	Metrópole
06/12/2015	Dilma vê “dimensão nacional” em doença	Notícia	Metrópole
06/12/2015	No Recife, médica fala em “geração de sequelados” pelo zika	Notícia	Metrópole
07/12/2015	Teste do zika tem eficácia só até 5º dia de sintomas	Notícia	Metrópole
07/12/2015	“Foi solicitado que não fosse feita a notificação. É um erro”	Entrevista	Metrópole
08/12/2015	Cidade paulistas apuram 18 casos de microcefalia; PMs vão combater Aedes	Notícia	Metrópole
08/12/2015	No interior, Aedes transgênico reduz nº de mosquitos	Nota	Metrópole
08/12/2015	Pesquisas de tratamento para zika podem levar até 2 anos	Notícia	Metrópole
09/12/2015	Zika infectou ao menos 500 mil neste ano; casos de microcefalia crescem 41%	Notícia	Metrópole
09/12/2015	SP não notifica suspeitas de má-formação	Notícia	Metrópole
09/12/2015	Fiocruz testa mosquito infectado por bactéria que detém a dengue	Notícia	Metrópole
10/12/2015	Ministro da Saúde admite falha no combate ao “Aedes”	Notícia	Metrópole
10/12/2015	SP pede às cidades que antecipem as notificações	Nota	Metrópole
10/12/2015	No Rio, registros de microcefalia dobram em uma semana	Notícia	Metrópole

Fonte: Próprio(s) autor(es)



No dia 3 de dezembro, a manchete do caderno Metrópole era: “Zika já faz mulheres adiarem a gravidez”. Em outro texto, publicado em 4 de dezembro, o jornal O Estado de São Paulo chamava a atenção do leitor para o crescimento da produção de repelentes no país, um aumento de 200%.

Diversos textos focaram mais em números, como a notícia do dia 9 de dezembro: “Zika infectou ao menos 500 mil neste ano; casos de microcefalia crescem 41%”. No período analisado, pelo menos três Estados haviam declarado estado de emergência, por causa do crescente número de bebês recém-nascidos com alguma má formação no cérebro.

O que se pode perceber, dentro desse primeiro momento, é uma tentativa da mídia em informar o leitor sobre o crescimento de casos de microcefalia no país, ao invés, por exemplo, de focar em como deter a proliferação do mosquito ou informações que pudessem ajudar as mulheres grávidas em tal momento. A única ocasião em que isto aconteceu foi em uma notícia publicada no dia 1 de dezembro, que vinha junto com um quadro com perguntas e respostas sobre a detecção da microcefalia durante o pré-natal.

Havia também, nas notícias veiculadas pelo jornal O Estado de São Paulo, uma preocupação política com o zika vírus, a exemplo do texto de 10 de dezembro “Ministro da Saúde admite falha no combate ao ‘Aedes’”, ou o do dia 6 de dezembro, que trazia como manchete “Dilma vê ‘dimensão nacional’ em doença”, que abordava o plano de enfrentamento da microcefalia no Brasil por meio do governo federal.

Percebe-se, dessa forma, que a mídia tinha um caráter informativo importante no processo de construção da opinião pública, ressaltando a problemática do zika vírus e da microcefalia dentro do país, pelo menos no primeiro momento de análise deste artigo. Entretanto, questões políticas foram mais enfatizadas, muitas vezes na crítica, a exemplo das manchetes “CDC critica

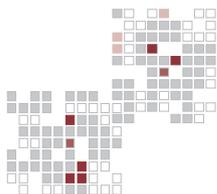
estrutura de laboratórios públicos contra vírus” e “Governo do Estado [de SP] quer usar PM e Defesa Civil contra mosquito”, ambas do dia 5 de dezembro. Uma possível ineficácia de políticas públicas por parte dos governantes ante o zika vírus demonstrava, por parte do jornal, um maior interesse aos eleitores ante a problemática maior, que era a da microcefalia.

Partindo para o segundo período de análises, de 1 a 10 de junho de 2016, seis meses depois, há uma grande diferença em relação à dedicação do jornal ante o tema do zika vírus e a associação com a microcefalia. Foram, no total, dez textos publicados, entretanto, com uma certa diferença em relação ao primeiro período - desse total, seis foram veiculados no caderno de Esportes; o restante, em Metrópole. (Quadro 2 a seguir)

As notícias veiculadas davam mais ênfase na questão das olimpíadas. O problema era o seguinte: por causa do número de casos de pessoas infectadas pelo zika vírus, além da própria questão da microcefalia, esportistas de outros países estavam preocupados com a situação - por isso, muitos estavam desistindo de vir ao Brasil.

No texto do dia 3 de junho, a manchete era a seguinte: “Zika faz ciclista dos EUA desistir dos jogos”. Segundo o texto, o ciclista Tejayvan Garderen havia se retirado da disputa porque sua esposa estava grávida - havia um temor em que ele fosse infectado e pudesse transmitir a doença por outros meios, como pelo sexo (não se sabe ainda se é possível ser infectado através do ato sexual). Ainda no dia 3 de junho, federações esportivas estrangeiras estavam pressionando os organizadores brasileiros sobre o nível das condições dos jogos do Rio, incluindo a incerteza política, a venda de ingressos abaixo do esperado e as suspeitas sobre o zika vírus.

Em outra reportagem, publicada em 9 de junho, “Medo de zika faz campeão olímpico congelar esperma” fazia alusão à preocupação do campeão olímpico do salto em distância Greg Rutherford



Quadro 2. Catalogação das notícias sobre o zika vírus, no jornal O Estado de São Paulo, entre os dias 1 e 10 de junho de 2016

Data de Publicação	Título	Gênero	Caderno
01/06/2016	OMS sugere adiar gravidez em 6 meses em área de zika	Notícia	Metrópole
02/06/2016	EUA têm nascimento de 1º bebê com microcefalia	Nota	Metrópole
03/06/2016	Federações vão reduzir expectativas sobre Rio-2016	Notícia	Esportes
03/06/2016	Zika faz ciclista dos EUA desistir dos jogos	Notícia	Esportes
05/06/2016	Zika e sexo oral	Opinião	Metrópole
07/06/2016	Planos terão de oferecer exame de zika	Notícia	Metrópole
08/06/2016	Zika faz OMS estudar novos alertas	Notícia	Esportes
09/06/2016	Medo do zika faz campeão olímpico congelar esperma	Notícia	Esportes
09/06/2016	Emissora dos EUA libera funcionários de viagem ao Rio	Nota	Esportes
10/06/2016	Nos EUA, ministro minimiza zika	Notícia	Esportes

Fonte: Próprio(s) autor(es).

com o mosquito *Aedes Aegypti* — neste caso, a solução foi congelar o esperma para que, quando engravidasse a sua esposa, as chances de ser infectado pelo vírus fossem nulas. No mesmo dia e caderno, foi veiculado uma pequena nota que informava que uma emissora de televisão dos Estados Unidos estava liberando os funcionários de viagem ao Rio, caso não quisessem.

No caderno de Metrópole, dos quatro textos, um era uma pequena nota, sobre o primeiro caso de nascimento de bebê com microcefalia nos EUA; outro era um artigo de opinião sobre a relação do zika vírus e o sexo oral; as outras duas eram notícias, uma informando sobre os planos de saúde, que teriam que oferecer exame de zika aos pacientes. A outra abordava o conselho dado pela OMS, sugerindo às mulheres que adiassem a gravidez nas áreas de proliferação do mosquito.

A questão política também esteve presente durante esse período, mas, neste caso, publicado no caderno de Esportes. No dia 10 de junho, o Estadão noticiou um artigo, dando foco à fala do ministro dos Esportes, Leonardo Picciani, nos EUA minimizando os efeitos do zika vírus no Brasil. A ideia, concomitante com a aproximação dos

jogos olímpicos do Rio de Janeiro, era o de amenizar as recentes notícias de atletas que estavam desistindo de competir nas olimpíadas.

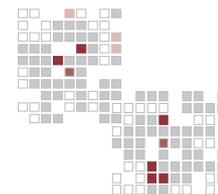
Assim, percebemos que o agendamento da mídia vai de acordo com os interesses econômicos e políticos do país. A questão primordial dos casos de microcefalia no país fica em segundo plano ante um possível fracasso dos jogos olímpicos no Brasil, os primeiros realizados na América do Sul.

Na comparação das semanas, não há, portanto, uma continuidade na cobertura sobre a temática exposta, mudando de acordo com a problemática e a conjuntura em tal momento.

Considerações finais

A mídia tem um importante papel na sociedade, o de investigar e mostrar aquilo que é importante, às vezes desagradável, outras essenciais. Na verdade, quando os meios de comunicação cumprem o seu papel, com ética e profissionalismo, todos saem ganhando.

Nos objetivos deste artigo, foi possível verificar como o vírus zika, transmitido pelo *Aedes Aegypti*, ocupou espaço na mídia. O problema de pesquisa evidenciava a investigação sobre o



agendamento da mídia analisando a cobertura científica sobre o mosquito e a diferença de cobertura jornalística sobre a microcefalia entre os anos 2015 e 2016.

Nos resultados evidenciamos que a crítica deste artigo perpassa pela cobertura midiática. Não há como negar que o jornal O Estado de São Paulo, como tantos outros, desenvolveu um importante trabalho durante os dias críticos do zika vírus e o mosquito *Aedes Aegypti*. Entretanto, é preciso ressaltar que tal temática precisa, de certa forma, de uma continuidade, já que a questão da microcefalia é uma urgência global.

Poucos foram os textos que focaram em relatos de mães que atravessam uma avalanche de problemas, sem estrutura adequada na rede pública para o devido tratamento aos bebês com alguma má-formação no cérebro. O tema é retratado de

forma superficial e alarmante, sem o mínimo cuidado com a divulgação de certas informações.

E isso é tão evidente que, em junho de 2016, seis meses após o “boom” da microcefalia no país, a mídia se preocupava mais com o fracasso dos jogos olímpicos que a própria questão de saúde pública, mesmo com o crescente número de pessoas infectadas pelo zika vírus.

A proposta para discutir tal temática a partir da teoria ou hipótese do agendamento, apesar das circunstâncias atuais dos meios de comunicação de massa, trouxe um olhar mais profundo acerca da problemática, questionando, assim, o papel político e sociocultural dos meios na atualidade. Acreditamos ainda que o tema pode ser estudado sob outros olhares. O presente artigo é, na verdade, uma pesquisa inicial que pode ter uma abrangência maior para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAROS FILHO, Clóvis. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.

CASTRO, Davi de. Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. *Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, n. 31, dez. 2014.

DORNELLES, Beatriz; MARTINS, Marcel Neves. Rio 2016: zika vírus e a defasagem noticiosa entre o on-line e o impresso no agendamento das olimpíadas do Brasil. *Logos*. Vol.23, nº 01, 1º semestre 2016.

HOHLFELDT, Antônio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.7, 1997.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauro (SP): EDUSC, 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, Jean. *A Construção do Saber*. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de Comunicação*. Tradução de Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulos, 2005.

MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. A evolução da pesquisa sobre o agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias. In: TRAUQUINA, Nelson. *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000b.

_____. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

PENTEADO, Claudio Camargo; FORTUNATO, Ivan. Mídia e Políticas Públicas: possíveis campos exploratórios. *RBCS*. Vol. 30, nº 87, fevereiro/2015.

PRAZERES, Giselle Gomes da Silva; LIMA, Irenilda de S; MACIEL, Betania. Mídia e divulgação de conhecimentos sobre as doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti* em Recife – Pernambuco. *Razón y Palabra*. Vol. 20, nº4, 2016.

